



LINHA 1: Línguas e Literaturas em suas diversas conceitualizações, teorias críticas e crítica literária

Elri Bandeira de Sousa

Professor do Curso da Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFCG. Doutor em Letras UFPB

Gicelio Alves Ribeiro
Graduado em Letras pela UFCG

Maria Jayline Pereira da Silva
Graduada em Letras pela UFCG

Elri Bandeira de Sousa
Gicelio Alves Ribeiro
Maria Jayline Pereira da Silva
DOI: <https://doi.org/10.56814/ey205m83>



HORÁCIO E RICARDO REIS, POETAS DO VINHO E DA VIDA: CONFRONTOS E APROXIMAÇÕES

RESUMO: Neste trabalho, comparamos odes de Horácio e de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa. Objetivamos contribuir com os estudos clássicos, cujo espaço tem se reduzido na academia. Tomamos como objeto a atualização de formas e temas do poeta latino na obra de Pessoa, compreendendo que o *carpe diem*, o *aurea mediocritas*, a brevidade da vida e o ritual da festa, como temas literários, ainda interessam. Fundamentamos em Silva (2011), Tringali (1995), Alves (1993), Padrão (1973) e Cardoso (2011).

Palavras-chave: Horácio. Ode. Carpe diem. Aurea mediocritas. Ricardo Reis.

INTRODUÇÃO

O que leva Horácio a ser considerado poeta da festa e que relação se observa entre sua obra e a de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa? A nosso ver, a resposta a essas indagações devem ser buscadas, em primeiro lugar, em suas obras poéticas; depois, em alguns autores da fortuna crítica, uma vez que não ignoramos que as referidas questões já foram levantadas por outros pesquisadores. Partindo dessa constatação, debatemos, neste trabalho, aspectos da vida e obra de Horácio, que se definiu a si mesmo como o poeta da festa, e sua influência sobre o poeta Ricardo Reis, visando salientar a permanência de alguns dos temas e formas de um dos maiores poetas da Antiguidade Clássica na poética contemporânea.

Para tanto, comparamos a ode 3, 28 do poeta da festa e fragmentos dos poemas “Da nossa semelhança com os deuses” e “Vem sentar-te comigo, Lídia”, do citado heterônimo de Pessoa. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Com esse breve estudo comparativo, chegamos a semelhanças e diferenças formais e temáticas entre as obras analisadas.

A investigação está distribuída nas seguintes seções: Introdução; Horácio, poeta da festa e do vinho; Análise da ode 3, 28 de Horácio; Ricardo Reis, um heterônimo de Fernando Pessoa; Relação entre Horácio e Fernando Pessoa: semelhanças e diferenças e Considerações Finais.

HORÁCIO, O POETA DO VINHO E DA VIDA

Quinto Horácio Flaco (65 a.C. - 8 a.C.) é um dos poetas de destaque da Literatura Latina, notadamente nos gêneros lírico e satírico a que se dedicou. Sua obra reflete seu ideal de vida, uma vez que o poeta busca, em suas produções, homenagear, como forma de gratidão, a todos aqueles que tiveram participação ativa em sua vida. A exemplo disso, são recorrentes homenagens a seu pai, a amigos mais próximos como Ovídio, Virgílio, Mecenas e ao imperador Augusto. Era assim que o poeta se sentia útil à pátria, e não se dedicando à poesia épica e à dramática, gêneros esses que ele não apreciava.

De acordo com Silva (2011), a produção literária de Horácio agrupa-se em dois gêneros: no primeiro, o satírico, estão contidos os *Epodos* e as *Sátiras*. Em ambos, o lirismo exprime os conteúdos do eu – suas emoções e sua ótica sobre os variados assuntos, desde as desilusões com a guerra civil a seu amor nutrido pelo campo ainda na infância, lembrada com saudades em seus poemas. O segundo gênero é composto pelas *odes*. Nelas, percebe-se um poeta grato pelo estabelecimento da paz com a ascensão do Imperador Augusto e os

consequentes benefícios ao povo romano. Vale lembrar, também, o *Carmen Saeculare*, composto em estrofes sáficas, segundo Harvey (1998, p. 100), em 17 a.C., “por incumbência de Augusto para a celebração dos Jogos Seculares”, no qual é frequente a exaltação dos deuses e da figura do citado imperador.

As *Epistolas* pertencem a uma fase madura do poeta em que ele tenta transmitir ensinamentos filosóficos, éticos e morais. Nesse gênero, a obra mais importante é conhecida como *Arte poética*, dirigida aos Pisões (pais e filhos), amigos do poeta romano (HORÁCIO, 2005, p. 55). Essa epístola é uma espécie de “receita” do fazer poético. Trata-se, portanto, de uma obra mais prescritiva que descritiva e se aproxima, em alguns aspectos, da *Poética* de Aristóteles. A *Epistula* é, a um só tempo, texto poético e metapoético: utiliza-se do verso e da reflexão sobre essa arte, conjuntamente.

Os preceitos poéticos mais importantes prescritos por Horácio são os seguintes: a verossimilhança e o domínio na escolha do tema, uma vez que a poesia precisa apresentar uma unidade coerente e articulada. Logo, cabe ao artista respeitar o tom e o domínio de cada gênero. Além disso, para Horácio os poemas devem ser sublimes e deleitosos, sendo capazes de causar emoções e prazeres na alma: “não basta serem belos os poemas; têm de ser emocionantes, de conduzir os sentimentos do ouvinte [...], se me queres ver chorar, tens de sentir a dor primeiro tu” (HORÁCIO, 2005, p. 58).

Segundo Silva (2011), as produções de Horácio recebem fortes influências dos poetas gregos Arquíloco, Anacreonte, Safo, Alceu dentre outros. Suas temáticas mais comuns eram o amor, a amizade, o vinho, a festa, a vida no campo, o *aurea mediocritas* e o *carpe diem*. Nesse sentido, reconhecia-se a influência da poesia grega sobre a poesia romana. No entanto, esta última não era uma pura cópia daquela: havia elementos novos que exprimiam o novo contexto, a vivência e a subjetividade do poeta.

Sem se limitar à imitação da lírica grega, o poeta empenha-se por transformar seu ideal de vida em poesia: “Horácio é, por excelência, o poeta da festa e se considera, ao mesmo tempo, um conviva satisfeito da festa que supõe que a vida deva ser” (TRINGALI, 1995, p. 17). Logo, com essa perspectiva, realiza seus simpósios ou reuniões nos dias de feriado em que se faz honra aos deuses, às musas e se comemoram as conquistas do imperador Augusto e de sua pátria.

Nessas reuniões, o vinho é o elemento principal, um presente de Baco. No entanto, vale ressaltar que, em Horácio, a simbologia do vinho não é a mesma da dos bacanais. Os vinhos utilizados naquelas festividades eram sempre os melhores, guardados há anos, para serem tomados especialmente por pessoas da alta sociedade em dias considerados sagrados. Bebia-se, ritualmente, nesses festins, depois do pôr-do-sol, o Cécubo, o Falerno, o Calerno, o Formiano etc.

Como salienta Tringali (1995), para Horácio havia duas formas de se tomar o vinho em dois diferentes cultos em homenagem a Baco. O primeiro, do qual o poeta da festa é adepto, seria um culto respeitoso, no qual a bebida era ingerida de forma simbólica, religiosa, como o centro de um ritual de comemoração aos bons dias de trabalho e em honra aos deuses. O segundo culto celebrava os mistérios de Baco, mas era mais licencioso e dele Horácio não participava. Nele o vinho era bebido em excesso, abrindo-se margem para os conteúdos do subconsciente e a liberação descontrolada dos instintos. Segundo Harvey (1998, p. 80), essas orgias de Dionísio ou Baco foram “disseminadas na Itália no início do S. II a.C. Levadas ao excesso, foram suprimidas em 186 a. C”. Chamavam-se tradicionalmente bacanália ou bacanal.

Nas reuniões organizadas pelo poeta, antes do vinho ser tomado pelos convivas, realizava-se um ritual constituído de duas etapas: o sacrifício e o jantar. Por último, o simpósio propriamente dito. Essas etapas se desenrolavam da seguinte maneira:

No sacrifício, se ofertavam às divindades reverenciadas libações de leite, mel, vinho: imolavam-se, nos altares, as vítimas, com muito incenso, muitas flores, coroas e ramos de variadas plantas [...] A seguir vinha o jantar propriamente dito, a *cena*. Os convivas se reclinavam em três leitos largos, com três lugares em cada um, junto de uma mesa, onde eram servidos por escravos [...] Finalmente, após o jantar, se seguia o simpósio ou convívio [...] quando, de fato, os participantes se entregavam ao prazer de beber, descontraidamente, ao longo do tempo, consoante as convenções em moda (TRINGALI, 1995, p. 24).

Tringali ressalta que essas três etapas constituem o festim. Espera-se que, em cada uma delas, os convidados desfrutem o máximo possível. Mas elas compreendiam homenagens aos deuses e celebração de vitórias e fatos importantes.

É, pois, durante a terceira etapa que o vinho pode ser tomado, iniciando-se seu consumo ao pôr do sol e estendendo-se até o nascer do sol do dia seguinte. Imprime-se toda uma conotação religiosa, moral e patriótica no ato de se apreciar essa bebida denominada pelo próprio poeta como “medicina da alma”. Devem-se aproveitar esses momentos como se não houvesse o amanhã, pois a vida é efêmera. Além disso, como afirma Tringali (1995), em Horácio não se bebe para esquecer a morte; bebe-se porque vai morrer. Nessa perspectiva, desfrutar dos dias de festim seria a maneira mais correta de “colher o dia”.

Em suma, o modo como Horácio organiza suas festas em veneração aos deuses e em datas importantes, o protagonismo do vinho durante essas ocasiões e o que ele representa é, segundo Tringali (1995), uma possibilidade de preparação de terreno para o advento do cristianismo, o que ocorre anos mais tarde. No entanto, deve-se ressaltar que nessas duas

perspectivas – a horaciana e a cristã – o vinho adquire semântica diferente. Horácio ainda pertence a um mundo politeísta; acreditava-se que o cultivo do vinho fora ensinado aos homens por Baco, filho de Zeus. Para o cristianismo, que herdara do judaísmo a crença monoteísta e messiânica, Cristo era o filho do Deus único e todo poderoso. Morrerá pelos homens, para livrá-los do pecado. Nessa perspectiva, o vinho representa seu sangue derramado. Não há, a nosso ver, relação direta entre o vinho horaciano e o vinho cristão.

ANÁLISE DA ODE 3, 28 DE HORÁCIO

Que farei de melhor
no dia festivo de Netuno?
ó Lide, infatigável, põe
para fora o Cécubo escondido
e faz violência à cautelosa parcimônia.
Percebes que o meio-dia declina
e entretanto, como se o dia alado parasse,
te absténs de tirar da adega a ânfora
que descansa desde o consulado de Bibulo?
Nós cantaremos alternadamente Netuno
e as verdes cabeleiras das Nereides;
tu cantarás, na curva lira,
Latona e as flechas da célere Cíntia.
No fim do canto (se celebrará) aquela
que possui Cnido e as Cícladas fulgentes
e que, atrelados os cisnes, visita Pafo. A Noite
também será celebrada com merecidas canções embaladoras.
(HORÁCIO, *apud* TRINGALI, 1995, p. 163-164).

Conforme Cardoso (2011, p. 66),

Horácio desenvolve temas diversos em suas odes. Alternando poemas longos com outros mais curtos, empregando versos jâmbicos ou datílicos, o poeta canta a juventude, o amor, os prazeres do vinho, a alegria da vida; dirige-se aos deuses, relembra lendas mitológicas, exalta o civismo e o espírito patriótico.

Ainda conforme a citada pesquisadora, as odes horácianas variam quanto à métrica, extensão, assunto, estilo e tema. São escritas em linguagem elevada, cuidada, ornamentada (porém sem exagero) e denotam uma ânsia de perfeição (op. cit. p. 66-67). Nesse gênero de poesia, podemos também encontrar o Horácio “a serviço da política de Augusto”, seja na divulgação dos princípios da moral antiga, no elogio à virtude, na exaltação da glória de Roma e dos feitos do imperador, seja na discussão do papel da juventude e na pregação da reforma dos costumes. Por fim, nas odes de Horácio, ainda segundo Cardoso (op. cit., p. 68), “a moderação (*aurea mediocritas*) se transforma em ideal de vida e os próprios deuses aceitam de bom grado os sacrifícios modestos, mas oferecidos com mãos puras [...]”.

Passemos a uma breve análise da Ode 3, 28, acima transcrita. Uma primeira anotação a se fazer é a seguinte: o poeta, não raro, dirige-se diretamente aos deuses ou mesmo a autoridades, como Mecenas ou Augusto. Mas é comum, como se observa na ode acima, que ele interpele, por meio da apóstrofe, pessoas de seu convívio, amigos, outros poetas, etc.

Nos dois primeiros versos, o eu lírico se questiona sobre como será organizada a festa de Netuno, deus dos mares. No terceiro, quarto e quinto versos, o eu lírico invoca Lide, uma possível ajudante, para que busque o Cécubo, um vinho muito antigo, reservado para ocasiões especiais, que está guardado há anos, para que ele seja consumido à vontade, mas com moderação religiosa.

Nos versos seis, sete, oito e nove, o eu lírico adverte Lide, atentando para a passagem do tempo, empregando a metáfora que relaciona o tempo aos pássaros, já que esses são “alados”. Do mesmo modo, o tempo não para, e se aproxima a hora do festim. Ao afirmar que o vinho descansa na adega “desde o consulado de Bibulo”, o poeta sugere que o vinho é antigo e, portanto, propício à ocasião.

Nos versos dez, onze, doze e treze o eu lírico ressalta que, além de Netuno, serão celebradas, também, as “verdes cabeleiras das Nereides”. As Nereides eram as 50 ninfas, filhas de Nereu, um Deus do mar, mais antigo que Netuno. Ele partilhava com as filhas as águas do mar Egeu. Além de se propor a cantar a Netuno e às Nereides, o eu lírico solicita a Lide que cante, acompanhada da lira, instrumento sempre presente nas festas dadas por Horácio, em homenagem a Latona, deusa mãe de Apolo, e também à deusa da caça, Cíntia, mais conhecida por Diana.

Nos versos quatorze, quinze, dezesseis e dezessete, o poeta anuncia que o canto celebrará Vênus, que visita sua cidade natal, Pafo, em cima de um carro puxado por cisnes. Por fim, a Noite, uma divindade primitiva, também será homenageada com canções populares. Ao fim da análise, percebe-se que essa festividade foge ao comum: o festim a ser realizado por Horácio será uma celebração a vários deuses, inclusive a entidades menores, como as ninfas.

Essa ode é um poema constituído de estrofe única, com métrica elaborada e sem o emprego da rima (já que esse recurso não era conhecido na Antiguidade). Sendo a ode um poema lírico destinado ao canto, é interessante observar a conveniência formal e temática do poema de Horácio em questão: anuncia os cânticos a serem realizados na celebração aos deuses, no simpósio, a partir do pôr-do-sol.

RICARDO REIS, UM HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935) nasceu em Lisboa, Portugal. É um dos portais do modernismo português, conhecido pelo seu pendor lírico e nacionalista, e por ter criado vários heterônimos. Construiu uma vasta obra poética, atribuindo-a, em grande parte, conforme a temática, a forma e o estilo a Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e outros. Para estes heterônimos chegou a escrever biografia específica, como se fossem personagens ou poetas de existência histórica comprovada

Para Galhoz (1980, p. 19), o drama de Pessoa não é de “gentes”, mas de gente; não são dramas múltiplos, mas perspectivas e hipóteses de uma mesma alma. “Os nomes próprios de que se acompanha são, repetimos, símbolos só, com uma tênue e insubsistente ilusão de figuras e um mínimo enredo de tempo”. Em outras palavras, para a citada pesquisadora, os heterônimos não dramatizam um conflito exterior de ideias, mas um conflito no qual todas as posições remetem ao mesmo Fernando Pessoa.

O poema abaixo, atribuído a Ricardo Reis, resume a questão dos heterônimos, sem fechá-la: há vários Pessosas que se expressam em seus heterônimos ou um confronto de ideias, de poéticas que se personificam em cada poeta ficcional criado por Pessoa?

Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que eu sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.

Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo (PESSOA, 1982, p. 151).

Uma das afirmações que se pode fazer com relação à ode acima é a de que, seja qual for a resposta à questão proposta, o poeta é um ser real e, embora não se possa separar, rigorosamente, obra e autor, não se pode confundir ficção e realidade, mundo criado esteticamente e mundo real. Afinal, como o disse o próprio Pessoa, em outro poema, “o poeta é um fingidor...”.

Conforme Nota que consta da primeira edição das *Ficções do Interlúdio/2*, organizada pela Editora Ática, Ricardo Reis seria discípulo de Alberto Caeiro. Sua existência criadora teria ocorrido a partir de 1914 (PESSOA, 1982, p. 71-72). Vale destacar que esse heterônimo “aparece” como um poeta neoclássico, latinista, semi-helenista, o que o aproxima da literatura romana antiga e, em particular, do poeta Horácio. Ricardo Reis “nasceu” em 1887, na cidade do Porto, forma-se em medicina e torna-se um dos heterônimos mais conhecidos. Como afirma Coelho (1985, p. 31), “Reis é um homem de ressentimento e cálculo, um homem que se faz como laboriosamente faz seu estilo”.

A elaborada concisão formal das odes de Ricardo Reis, que guardam parentesco muito próximo com as de Horácio, materializa-se em versos rigorosamente metrificados, combinação frequente (talvez predominante) do decassílabo com o hexassílabo, além de procedimentos sintáticos comuns à estética clássica como o hipérbato e o emprego frequente de metáforas que envolvem as estações do ano, flores, rosas, rios, regatos, que remetem, não raro, para a ideia de passagem inexorável do tempo e a brevidade da vida. A morte aparece alegorizada, com frequência, em imagens clássicas como a do barqueiro do Hades, as Parcas, Átropos, o Averno, etc. É fácil perceber que essa poética de linguagem objetiva e rebuscada elege temas como o vazio de sentido para a existência, o destino inexorável e a morte, a partir de uma perspectiva emprestada do paganismo.

Ricardo Reis trata do tempo existencial por meio da metáfora da água ou do rio que passa: assim como é inevitável o fluxo da água, também o é o fluxo da vida. É o que podemos verificar nos seguintes versos do poema “Da nossa semelhança com os deuses”:

[...] Não de outra forma mais apoquentada
Nos vale o esforço usarmos
A existência indecisa e afluyente
Fatal do rio escuro. [...]
(REIS, 1982, p. 92).

Nesse sentido, o símbolo da água suscita a certeza da morte, metaforizada no fragmento acima como o “rio escuro”. Conforme aponta Padrão (1973, p. 79),

Ricardo Reis passa com o rio. Este é o poeta da tristeza da passagem. À sua água está ligado o significado do correr do homem, do correr dos dias, as conjecturas do destino funesto, da morte, e por isso essa água é um elemento melancolizante. Melancólico é o sentido que se desprende das odes de Reis, atravessadas por rios a que não falta a barca de Caronte sempre ligada à indestrutível desgraça dos homens.

Além da metáfora da água Ricardo Reis emprega a metáfora das flores para simbolizar a efemeridade da vida. Logo, a flor é caracterizada como a marca da incerteza do tempo e, ao mesmo tempo, sua beleza e perfume são formas de esquecer as angústias que o destino causa, mesmo que seja por poucos momentos. É o que podemos observar nos seguintes versos do poema “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”:

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Esse momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência
(REIS, 1982, p. 80).

Essa obra heteronímica pessoana é um empenho de retorno aos ideais estéticos e filosóficos clássicos, através da reconstrução de formas afins e da atualização de aspectos do estoicismo e do epicurismo. Segundo Reale e Antiseri (2003), o epicurismo destaca a clareza da fugacidade do tempo e o aproveitar de cada momento; já a moral estoica remete à aceitação da ordem natural do destino e da morte.

CONFRONTO ENTRE HORÁCIO E RICARDO REIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

A obra de Fernando Pessoa, particularmente a de Ricardo Reis, apresenta uma série de características e temáticas que a aproximam da poética horaciana. Logo, nota-se como autores separados por um espaço temporal de aproximadamente dois milênios utilizam temas e formas que se assemelham e, ao mesmo tempo, que se distanciam com particularidades marcantes, tendo em vista as épocas estéticas e históricas em que viveram e construíram suas obras.

Um dos elementos de aproximação apontados pela crítica é a temática de cunho filosófico. São notórios, no poeta romano e no poeta português, tópicos do epicurismo e do estoicismo como a brevidade da vida e o *carpe diem*, além de referências mitológicas, louvores à natureza e às musas. Mas os aspectos de construção formal também os aproximam. Conforme Ivo (1981, p. 128), “a simples comparação visual das odes de Ricardo Reis com as de Horácio já é suficiente para mostrar a clara intenção do poeta português de seguir processos estéticos adotados pelo escritor latino”.

O tema do tempo em Horácio é tratado com reflexões morais e filosóficas, tendo em vista a brevidade da vida e a inexorabilidade da morte. Por essa razão, o tempo presente deve ser aproveitado o máximo possível. Essa abordagem também aparece em Ricardo Reis, mas com uma busca existencial particular da poética pessoana.

Em Horácio o ser humano precisa buscar o gozo e o prazer da vida no dia vivido, proporcionando bem-estar à alma. Dessa forma, o futuro é tratado como algo desconhecido. Pensar no tempo que ainda está por vir gera perturbação na alma. Além disso, a fugacidade do tempo, no poeta latino, é um processo natural, e a felicidade e a paz moram nas coisas simples, como sentir o campo, beber o vinho, reunir-se com os amigos, concebendo-se a vida, enfim, de forma positiva e serena.

Em Reis, também se concebe a ideia da brevidade da vida e a renegação do passado e do futuro. Mas, a fórmula do *carpe diem*, ou seja, “colher o dia”, seria resultado do desconforto gerado pela efemeridade da vida, e não a oportunidade de aproveitar o momento presente como em Horácio, pois Reis considera-o como algo banal, impassível e imutável. Logo, viver o momento é apenas existir nele, como sugerem esses versos: “Meu somente/ É o momento, eu só quem existe/ Neste instante.” (PESSOA, 1985, p. 290).

Observamos que a visão assumida pelo sujeito poético em relação à vida diferencia-se na obra dos dois poetas. “A decisão de Reis é a de aceitar a vida como ela é. A de Horácio é a de viver a vida enquanto ela dure. A decisão de Reis é de resignação e implica renúncia. A de Horácio implica desejo e desempenho, sendo, portanto, mais positiva” (SANTOS, 1998, p. 45).

Reiteramos que a finitude da vida é tema recorrente nas odes dos poetas em questão, suscitando-se a ideia do Fado ou Destino culminar com a morte. Em Horácio, o tempo é passageiro e a morte é uma certeza. Logo, deve-se seguir a natureza sem cometer excessos e danos para a alma. Por sua vez, difere a posição de Reis sobre a brevidade da vida, mas ele aceita a morte por saber não haver outra escolha. O heterônimo de Pessoa

não tira partido da morte. Para ele, o certo é viver sem se afligir *que há noite antes e após o pouco que duramos*. Nada tem sentido nem a vida nem a morte.

A morte deixa tudo indiferente. Aguarda a morte como quem a conhece, sem ilusão. Prefere a vida mais vil à morte que desconhece, entretanto não dá nenhuma importância à vida. Viver é apenas durar. Portanto, tanto faz gozar como não gozar o dia que foge” (TRINGALI, 1995, p. 49).

Como se vê, Reis aceita a fatalidade da existência, com impassibilidade diante do aproveitar a existência: “Quer gozemos, quer não gozemos, passamos com o rio” (PESSOA, 1985, p. 256). Mas, observamos certo desencanto nessa postura indiferente do eu lírico frente a essas certezas imutáveis sobre a vida.

Horácio, assim como Ricardo Reis, assume posições filosóficas do epicurismo e do estoicismo. Para as primeiras, a felicidade reside no prazer em encontrar uma medida em todas as coisas, o meio termo dourado. As segundas consistem nas virtudes, levando o poeta a afastar-se de tudo aquilo que lhe cause danos e arrependimentos. Dessa forma, para Horácio deve-se aproveitar a vida e não se preocupar com os problemas. Reis, contudo, difere por apresentar um epicurismo pessimista e triste, sendo que aproveitar o dia é apenas um ato existencial, sem gerar maiores reflexões. Como explica Camargo,

Dos estoicos, Reis vai buscar a disciplina, contenção e obediência necessária para suportar a própria existência. De Horácio, que é possível aproveitar, ainda que por mínimo que seja, o que de bom a vida tem a oferecer, como as flores, o vinho e a companhia das musas. Estas, presentes na figura de Lídia, Cloe e Neera, também herdadas de Horácio, cujas odes, modelo de composição formal e poética, imita. Já dos epicuristas, procura aprender a tranquilidade, a aceitação, além da pura contemplação do espetáculo do mundo (CAMARGO, 2013, p. 9).

Também pode ser observada a assimilação da mitologia em ambos os autores: Horácio diviniza o imperador Augusto por meio de Baco, louva as musas, canta a natureza como forma de agradecer aos deuses. Vejamos esse tópico da Ode 3, 25:

Para onde me arrebatas, Baco, pleno de ti?
A que bosques ou a que grutas sou transportado,
Veloz, com novo espírito?
Em que cavernas serei ouvido, planejando
Colocar nas estrelas e no conselho
De júpiter a glória do egrégio César?
(HORÁCIO, *apud* TRINGALI, 2015, p. 171).

A divinização também está presente em Reis, que louva as ninfas, as musas e os deuses através da natureza. Cabe ressaltar, no entanto, uma grande diferença: Horácio reflete

a mundividência do paganismo romano; já o poeta português acrescenta Cristo ao panteão dos deuses. Horácio parece dirigir-se mais diretamente aos deuses. Já Reis vê-os distantes e indiferentes aos humanos.

O símbolo do vinho, em Reis, é inspirado em Horácio, mas com propostas que divergem. Horácio é o poeta da festa: para ele a felicidade consiste no festim, na confraternização com os amigos ao redor do vinho: o código do seu consumo é regido por princípios filosóficos, religiosos, morais e patrióticos. A apreciação dessa bebida é um ato sagrado que se liga ao divino, sendo o vinho o elemento principal da festa, já que por meio dele podia-se cultivar o amor, a virtude e amizade. Eis por que “não se bebe a ponto de perder a razão e de debilitar a saúde” (TRINGALI, 1995, p. 28).

Diferentemente, Reis vê no vinho não uma forma de alegrar-se, mas de esquecer o destino ligado à morte. Assumindo a postura de que a vida é breve assim como o vinho que logo acaba, o vinho para ele não assume um ideal moral e sagrado como em Horácio: é apenas uma bebida comum. Observemos esta ode:

[...] Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,
Baços os olhos feitos
Para deixar de ver
(REIS, 1982, p. 125).

Portanto, enquanto Horácio buscava encontrar a felicidade, para Reis viver era uma angústia ligada à consciência da inexorabilidade da morte. Como afirma Tringali (1995, p. 52):

A religiosidade presente no código de Horácio desaparece em Ricardo Reis; de fato, quando este bebe, o vinho perde completamente o caráter alegórico, não guarda nenhum sentido eucarístico. Nem uma vez sequer menciona diretamente o nome do deus Baco, como sinônimo literário de vinho, faz apenas alusão ao sabor orgástico do vinho e ao passar das bacantes. O vinho é apenas vinho, nada mais, sem vínculo nenhum com o transcendente. Não aceita um culto saturniano do vinho. (TRINGALI, 1995, p. 52).

Talvez o contexto do século XX, em que viveu Fernando Pessoa, nos ajude a compreender essa perspectiva ideológica. Apesar de dotar parte de sua obra de notável misticismo, de empregar a mitologia, Pessoa pertence a uma época marcada pelo positivismo herdado do século XIX, pelo avanço da ciência e pelo anúncio da “morte dos deuses”.

Por fim, quanto aos aspectos formais e linguísticos, embora já tenhamos feito breves referências a alguns, cabe salientar notáveis semelhanças entre os dois poetas: a ode sem rima

consoante, composta de versos regulares, com intercalação de metros diferentes, emprego do imperativo e de vocábulos cultos, rebuscados e de teor elevado. Reis recorre a figuras femininas como Lídia, Cloe e Neera, presentes na lira horaciana. A concisão, a nosso ver, é comum aos dois poetas, e atende aos rigores da estética clássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi motivado pela necessidade de levarmos à frente uma reflexão mais detida sobre a vida e a obra do poeta latino Horácio, tendo em vista sua relevância como poeta da vida e do vinho. Outra motivação importante foi a percepção de sua inegável influência sobre poetas e épocas posteriores à sua.

Poderíamos escolher, para pesquisa, um poeta barroco, um poeta neoclássico, mas nossa escolha recaiu sobre Ricardo Reis, heterônimo do modernista Fernando Pessoa, cuja produção poética, com inegáveis semelhanças e diferenças, põe em circulação, na contemporaneidade, códigos formais e ideológicos do poeta latino.

Esposamos a compreensão de que as produções horacianas são das mais promissoras a uma abordagem intertextual da literatura. As marcas da produção desse poeta estão por toda a parte. É impossível falar-se em tópicos literários como o *carpe diem*, o *aurea mediocritas* e o *inutilia truncat* sem se recorrer a Horácio. A evolução de gêneros como a ode, a sátira e a epístola também passam, necessariamente, por esse poeta.

O contato com obras de autores da Antiguidade Clássica nos oportuniza reconhecer inúmeros aspectos da nossa tradição literária por eles antecipados. Isso nos leva a compreender melhor a dialética de assimilação e recusa do legado greco-romano por parte de modernos e contemporâneos. Uma das estratégias para o estudo de épocas literárias como o Barroco, o Neoclassicismo, o Parnasianismo e mesmo da literatura contemporânea é iniciar-se no estudo de poetas como Homero, Virgílio, Horácio, Ovídio etc. O próprio Romantismo, no seu empenho de negar a herança clássica, torna-se mais legível em face desse cotejo.

Apesar de assumir, em importantes momentos, forte impulso antiaristotélico, a literatura do século XX também se deixa seduzir por prescrições e temáticas muitas vezes tomadas como universais. Recorre, não raro, a referências míticas greco-latinas, às formas e aos temas da literatura da Antiguidade Clássica. Fernando Pessoa, ou Ricardo Reis, é apenas um dos casos que vêm sendo estudados.

Reafirmamos, pela discussão aqui empreendida, a intertextualidade assumida no fazer poético de Ricardo Reis, como retomada mimética da obra de Horácio. Cabe ressaltar, porém, que mimese, conforme o vemos em Aristóteles (1993), não significa cópia ou imitação servil, mas representação, criação poética conforme a verossimilhança e a necessidade. Lendo

Ricardo Reis, nele reencontramos temas e formas que nos levam até Horácio, com grau maior ou menor de aproximação; nunca de mera recorrência.

Cabe mais uma anotação: a persistência do texto do poeta latino, nos nossos dias, vai muito além da poética do heterônimo pessoano, e pode ser avaliada “pelo número de edições, traduções e estudos que lhe foram consagrados e projetam o intertexto horaciano para lugar cimeiro, logo a seguir a Virgílio” (ALVES, 1993, p. 189).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Manuel dos Santos. Recepção de Horácio na obra de Eça de Queirós. *Euphrosyne – Revista de Filologia Clássica*. v. XXI. Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa. P. 189-202. 1993.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 4 ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.
- GALHOZ, Maria Aliete. Fernando Pessoa, encontro de pessoa. In: PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus* (seleção poética). Seleção: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- HORÁCIO. *Arte Poética (Epistula ad Pisones)*. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- IVO, Oscarino da Silva. Estrutura métrica em Horácio e em Ricardo Reis. *Revista Ensaios de Literatura e Filologia*. v. 3. Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais. P. 123-136. 1981.
- PADRÃO, Maria da Glória. *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto: Inova, 1973.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar S.A., 1985. v. único.
- PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio/2-3: Odes de Ricardo Reis; Para Além do Outro Oceano de Coelho Pacheco*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1.

SANTOS, Paulo Sérgio Malheiros dos. *Modernidade e fingimento em Fernando Pessoa – Ricardo Reis*. Cadernos CESPUC de Pesquisa Pucminas, Série Ensaios, n. 3, p. 37-48. 1998.

SILVA, Semíramis Corsi. O poeta Romano Horácio e a Sátira Latina. *Revista das Faculdades Integradas Claretianas*. Franca, volume 3, p. 49-63. Janeiro/Dezembro. 2011. Disponível em: <https://www.seerufgrs.br/cadernosdoil/article/view/22709>. Acesso em 13/jan./2020.

TRINGALI, Dante. *Horácio, poeta da festa: navegar não é preciso: 28 odes: latim/português*. São Paulo: Musa Editora, 1995.